Carlos Leone

O essencial sobre SÍLVIO LIMA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

Para a Cristina,
por Coimbra no centenário de Sílvio Lima,
com pessimismo na reflexão
e optimismo na acção

«Não há maior tortura que a solidão forçada.»

SÍLVIO LIMA, 1927
(*OC*: I, 34.)

I
UM TESTEMUNHO

1. *INTRODUÇÃO*

O essencial sobre Sílvio Lima (1904-1993) reside na vinculação histórica e simbólica da sua vida com o seu tempo. O «seu» tempo foi, no essencial, o de uma transformação estrutural, e estruturante, no discurso crítico desenvolvido em Portugal no século XX. Com isto pretendemos afirmar que definir a vida de Sílvio Lima é, independentemente do registo escolhido para a apresentar (biografia, elegia, crítica da obra, etc.), sempre caracterizar pela vida de um indivíduo (assim feito símbolo) uma transformação na actividade crítica no Portugal contemporâneo (em acepção histórica).

Dito isto, os estudos disponíveis sobre Sílvio Lima são escassos. Há fortes motivos — que não razões —

para isso, embora recentemente a publicação em dois volumes da sua *Obra Completa* pela Fundação Calouste Gulbenkian, sob a direcção do ex-assistente de Sílvio Lima, hoje professor catedrático jubilado, José Ferreira da Silva (doravante *OC*, seguido da indicação de volume em numeração romana e de página em algarismos árabes), seja um elemento decisivo para alterar este estado de coisas. Faremos nestas páginas referência a estudos do nosso conhecimento e, sobre matéria biográfica, indicamos o artigo «Sílvio Lima — História de um professor universitário», da autoria de Ferreira da Silva, no qual colhemos numerosas informações (publicado na revista coimbrã *Biblos*, vol. LV, pp. XXXV-LIII, 1979, integrado numa miscelânea em honra de Sílvio Lima). Com efeito, a história de Sílvio Lima confunde-se com a de um dado período da Universidade em Portugal, o que, tendo sido penoso, é hoje revelador.

Sensivelmente a meio da sua vida, em 1944, escreveu Sílvio Lima nas linhas da conclusão daquele que é até hoje o seu título mais conhecido e citado *(Ensaio sobre a Essência do Ensaio):* «Cada escritor se julga no direito de rotular de ensaios, ou de ensaio, os seus produtos. Como se o ensaio fosse, afinal, a fumarenta

retórica, o eruditismo formalista, o historicismo arquivístico, o comentarismo estéril, o barroquismo conceptista e cultista, numa só palavra, o *anti*criticismo! O facto assume, entre nós, lusos, um aspecto mental inquietante.» (*OC*: II, 1410). As palavras eram pertinentes então e ainda hoje, e por isso soam próximas as declarações citadas por S. Lima de imediato (de Keyserling e Aubrey Bell, cf. *id., ibid.*); para o nosso propósito actual, elas servem para ilustrar o modo como Sílvio Lima entendia a sua vida universitária — como criticismo. Mais tarde ver-se-á o preço que pagou por isso. Agora, vale a pena começar por mencionar dois dados relevantes para compreender o porquê da singularidade de Sílvio Lima e, por isso, do seu significado próprio:

Em primeiro lugar, Sílvio Lima cursou brevemente Medicina, antes de ingressar e se formar em Filosofia (sempre em Coimbra, na década de 1920);

Em segundo lugar, a sua formação posterior à licenciatura foi não só célere (como era norma à época e hoje começa a voltar a ser), mas também «estrangeirada», isto é, decorreu na Suíça, na Bélgica e em França, antes de regressar a Coimbra para obter as insígnias

doutorais (em 1929) — já nisto muito sergiano, como o tempo viria a comprovar.

Do primeiro destes dois dados ficou-lhe a convicção inabalável no experimentalismo, que distinguia do empirismo, e na cumulatividade do conhecimento científico, que não excluía a consideração de cesuras e revoluções; do segundo, nunca o abandonou a atitude crítica perante o seu país e o seu tempo, em muito devedora de Sérgio e que, em rigor, fez da sua obra a mais «sergiana» das que a Universidade Portuguesa conheceu na primeira metade do século XX. Conheceu e não tolerou.

2. *UM JOVEM ACADÉMICO*

Antes das desventuras da década de 1930 (e das seguintes…), Sílvio Lima cursou durante um ano a Faculdade de Medicina de Coimbra, para, de seguida, se inscrever como aluno na Faculdade de Letras de Coimbra, Secção de Ciências Históricas e Filosóficas, completando a sua licenciatura a 9 de Julho de 1927 com a tese *Ensaio sobre a Ética de Guyau nas Suas Rela-*

ções com a Crise Moral Contemporânea. De seguida, a convite dos professores Joaquim de Carvalho e Gonçalves Cerejeira, segue a carreira universitária, primeiro desenvolvendo a sua investigação de pós-graduação no estrangeiro, de pronto, no primeiro semestre de 1929, obtendo o grau de doutor. Assim se torna assistente provisório em Ciências Filosóficas, onde mais tarde ascende a professor auxiliar. Além disso, dada a sua invulgar formação científica em Psicologia Experimental, desde 1931 lecciona também na Secção de Ciências Pedagógicas.

O ensaio sobre a ética de Guyau é um estudo que reflecte a atenção científica, em sentido moderno, a uma temática comum à época. Científica por ser especializada (considerando o problema eticamente) e por abordar de forma neutra e impessoal um tema caro não só a Sílvio Lima, como aos principais ensaístas e críticos da época: António Sérgio, Jaime Cortesão, Raul Proença (para nomear apenas os mais próximos de Sílvio Lima). Tema eterno, o da crise, mas tema de uma época específica, final do século XIX, em muito graças à influência de um autor hoje esquecido como é Guyau e, no entanto, à época tão ou mais influente do que muitos

outros hoje indicados como referências para o período (*maxime*, Bergson). Também nesta questão archêológica (passe o «foucaultianismo» que Sílvio Lima provavelmente não partilharia) falta a bibliografia, mas o leitor interessado pode consultar o estudo de José Esteves Pereira «Pensamento filosófico em Portugal: conhecimento, razão e valores nos séculos XVIII e XIX» (in *Cultura*, vol. V, ed. INIC — CHC/UNL, Lisboa, 1986).

Na sua tese de licenciatura, dedicada a António Sérgio e Joaquim de Carvalho, Sílvio Lima ensaia uma leitura objectiva da ética evolucionista de Guyau com vista à determinação do valor desta para a «solução do problema ético que ora nos atormenta» (*OC*: I, 5). Aí são já nítidas as influências maiores de toda a obra futura: Herculano, Antero e Sérgio (Joaquim de Carvalho também, mas em forma menos actuante); Guyau, Montaigne (Claparède influenciá-lo-á apenas a partir da elaboração do doutoramento); e temas como a crítica, o ensaísmo, o(s) valor(es) e uma atenção ao social que não se reduza a um registo sociológico. A atitude é já a que a vida adulta irá confirmar: isenta, objectiva tanto quanto a informação disponível o permite, com um sentido de humor que anima uma escrita ainda bastante coim-

brã (e da época), enfim, com aquela «boa fé» celebrizada por Montaigne e por Sílvio Lima sempre invocada. Nesta fase inicial, também o individualismo metodológico resulta já claro (cf., p. ex., *OC*: I, 30-31), mas sem se impor à consideração do objecto como verdade teleologicamente predeterminada: «Pela própria força da vida, o animal é social, e sendo social é moral. Melhor: 'sociabilidade' e 'moralidade' são dois aspectos da mesma única realidade: a vida.» (*OC*: I, 35.) Perante esta realidade derradeira, o individualismo metodológico não só força à responsabilidade intelectual e moral inalienável, como dá também a medida justa de um relativismo no sentido forte e nobre do termo, um relativismo metodológico que resulta de a investigação científica se saber sempre parcelar e provisória. Este entendimento do conceito é já claro no capítulo «O neokantismo» (*OC*: I, 67-83), no qual a génese humana (imanente) dos valores sociais é explicitamente afirmada (cf., p. ex., p. 81). A sua pertinência radica na própria leitura de Guyau por Sívio Lima, para quem o autor francês «representa *um ponto intermediário entre o naturalismo científico e o novo idealismo*» (*OC*: I, 117). O exame de S. Lima a Guyau centra-se (cf. pp. 119 e

segs.) no conceito de «vida» em que se baseia a reunião de ciência e metafísica da ética de Guyau, a quem aponta o erro de ter pedido à biologia as leis da vida (cf. p. 122, n. 1). Estas análises não eram desprovidas de consequências imediatas, como as referências à primeira edição de *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*, de Gonçalves Cerejeira, deixam perceber (cf. pp. 123, n. 2, 150, 152, n. 1, e 160 e segs.). Com efeito, as críticas que desenvolverá mais tarde a essa obra de Cerejeira são, acima de tudo, uma crítica a uma determinada imagem de contemporaneidade, em particular no que toca à avaliação dos *acquis* do século XIX, como veremos (aqui, cf. p. 167, n. 1, para uma imagem das *science wars* de então). Ao encaminhar-se para o seu termo, a tese de licenciatura ganha, com a procura de solução para o problema tormentoso (naquele tempo em que as teses tinham tese), laivos ainda actuais: a interrogação dos «vindouros» aos coevos evoca Hans Jonas (cf. p. 128); a tragédia da vida em comum mesmo nas associações científicas livremente constituídas (cf. p. 130); a percepção, diversas vezes retomada em trabalhos posteriores, do medo na «sabedoria popular» portuguesa (cf. p. 132); a abertura às ciências sociais (pelos autores citados e

em fórmulas como *«o social não é mais que o psicológico generalizado»*, cf. p. 144); e, em geral, uma orientação racionalista, aqui ainda sob forma utilitarista, da ética, em direcção a uma concepção sociológica contrária a excessos poéticos e místicos (cf. «Conclusões», p. 169). A permanência destes traços nos seus trabalhos posteriores conferir-lhes-á grande solidez, para lá de erros e limitações; a sua actualidade ainda hoje explica bem as suas dificuldades há sete décadas atrás.

Outros dados, menos diversificados até pelo carácter mais especializado do trabalho, colhem-se em *O Problema da Recognição (Estudo Psicológico Teórico-Experimental)*, trabalho de 1928 com que, em 1929, Sílvio Lima é feito doutor (Secção de Filosofia, note-se). «Recognição» designa o problema da lembrança, sendo o termo preferido ao habitual «reconhecimento» por este ter implicações morais aqui ausentes; ao interrogar a estrutura psíquica do processo recognitivo, a Sílvio Lima interessa o fenómeno mental estudado psicologicamente (não metafisicamente), entendido como base da lembrança (cf. «Nota preambular», in *OC*: I, 189). Trata-se de um fenómeno estrutural da memória, sem o

qual esta não existiria e o humano disporia apenas de hábitos, como afirma (cf. p. 191) Sílvio Lima ao iniciar a discussão das principais teorias sobre o problema. Como se lê pouco depois: «o que para nós constitui a memória como memória é, não a reprodução automática ou reflexa (BÖHM) do 'já vivido ou experimentado', mas a recognição do facto presente como tendo feito e fazendo ainda parte integrante da nossa vida ulterior» (p. 192). Neste volume, restrito ao *essencial* sobre Sílvio Lima, não há por que aprofundar o lado técnico da análise (de resto, muito especializado e, além do mais, já datado); importa, sim, assinalar a consolidação no pensamento do seu autor de novos dados relevantes em trabalhos posteriores (Claparède, Freud e a psicanálise, Piaget) e a sua influência sobre elementos já presentes no seu trabalho anterior (as notas, p. ex. p. 198, n. 4, em matéria pedagógica, sergiana por excelência, adquirem um grau de elaboração conceptual invulgar em Sérgio e nos sergianos em geral).

A revisão das principais teorias sobre a recognição termina com a apresentação (*OC*: I, 244-246) da «teoria impressionista», noção aplicada por S. Lima a todas as que «dão o processo recognitivo como a consciência

duma impressão afectiva vaga de já vivido ou experimentado *(Beckanntheistsgefühl)*» (*OC*: I, 244). O termo «impressionista» sobretudo neste período de finais da década de 1920, início da de 1930, é mais frequente na literatura (e veremos como Sílvio Lima se refere, noutros trabalhos, a João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro). Aqui, o seu emprego também requer qualificações: «Como se verá na segunda parte deste nosso trabalho, defendemos a tese impressionista como a única capaz de se adaptar à realidade total dos factos. Decerto: a sua aceitação não explicará em absoluto o complexo problema da recognição. Diremos até: não explica nada. […] Que importa? Saber que as imagens da teoria intelectualista não desempenham na estrutura do processo recognitivo o papel preponderante, único, que o passado lhes outorgava, será já abrir no campo da ciência um novo caminho de investigação por onde futuros pioneiros marcharão em busca da verdade.» (*OC*: I, 246.)

A segunda parte da dissertação, dedicada à apresentação dos dados obtidos pelo trabalho de investigação em psicologia experimental, faz uso de noções ainda hoje correntes em psicologia (e psicanálise), como «rumi-

nação» (p. 248) ou «atitude» (p. 250), mas tem para nós um interesse sobretudo documental, cujo sentido geral é resumido na conclusão da parte II:

> A recognição pressupõe a permanência da mancha afectiva, não o sentido de uma imagem ou representação que vem afogar-se milagrosamente na percepção actual, mas dum resíduo ou tonalidade vaga e específica, deixada pela percepção desaparecida, e que se renova ao contacto vivo da nova percepção.
>
> (*OC*: I, 307; em itálico no original.)

A terceira e última parte, sobre falsa recognição e paramnésia, além de antecipar problemas hoje mais mediatizados (a falsa memória), distingue-se pela sua argumentação, mais próxima do que é comum num trabalho feito para prestar provas científicas em filosofia. Não por se remeter à história da filosofia, mas, pelo contrário, por atender a discussões coevas (p. ex., sobre os «fenómenos telepáticos», cf. p. 318, em que, na nota 1, se lê: «Em face dos fenómenos transcendentes a nossa atitude é a do céptico; melhor, *a da dúvida*

metódica cartesiana.»). Em todo o caso, não é de um suplemento filosófico ou jornalístico que se trata. Também a paramnésia surge a Sílvio Lima como fenómeno de uma ordem predominantemente afectiva, em detrimento dos seus elementos representativos também reais, pelo que vem confirmar a teoria impressionista a respeito da recognição (sobre a relação dos problemas, cf. especialmente *OC*: I, 327-329).

A dissertação foi bem acolhida e as teses de filosofia (em história da filosofia, psicologia, lógica e moral, num total de sete) foram defendidas com sucesso. Apesar de algumas observações do tempo da tese de licenciatura sobre a primeira edição de *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*, já indicadas por nós, nada faria prever que, ao final tranquilo e bem sucedido da década de 1920, os anos 30 trouxessem a Sílvio Lima uma sucessão de casos que marcou todo o resto da sua vida, académica e não só.

ÍNDICE

I. Um testemunho 5

1. Introdução 5
2. Um jovem académico 8

II. De académico a crítico 18

1. Pretexto ou consequência? 19
2. A causa adiada 28

III. «O trabalho é o único processo moral de ganhar a vida» 41

1. Idealismo e realidade 42
2. Desporto e ensaísmo 46
3. Valores sociais 50

IV. De volta ao sítio onde se foi (in)feliz 56

1. Determinismo mitigado 58
2. O ensaio para a posteridade 64

Carta aberta às universidades portuguesas 75

Apêndice 79

Composto e impresso
na
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
com uma tiragem de oitocentos exemplares.
Orientação gráfica do Departamento Editorial da INCM.

Acabou de imprimir-se
em Maio de dois mil e quatro.

ED. 1009862
ISBN 972-27-1315-9

DEP. LEGAL N.º 211 320/04